

Smartphones e pobreza digital: o consumo de telefones celulares e internet entre jovens de uma comunidade popular*

Smartphone and digital poverty: the consumption of cell phones and internet by youngsters of a popular community

Romulo Tondo¹
Sandra Rubia Silva²

Resumo

A posse de telefones celulares e os usos da internet são cada vez mais comuns na sociedade globalizada. Este artigo tem como objetivo refletir sobre o consumo de *smartphones* por jovens de comunidade popular de Santa Maria, Rio Grande do Sul e como esse dispositivo pode auxiliar na sociabilidade digital desses indivíduos. Como recorte metodológico é utilizada, no primeiro momento, uma revisão de literatura sobre o conceito de pobreza digital, uma perspectiva sobre os diferentes níveis de acesso às tecnologias da informação e comunicação (TIC) e, posteriormente, sobre o consumo como cultura material, para que, em seguida, seja realizada a análise dos dados etnográficos obtidos com base na pesquisa realizada com jovens do ensino médio da Escola Anita Garibaldi e quatro jovens do Jardim Aurora sobre o consumo de mídias e acesso à internet.

Palavras-chave: Consumo. Jovem. Internet. *Smartphones*. Sociabilidade digital.

Abstract

The possession of cell phones and internet uses are increasingly common in the globalized society. This article aims to reflect on how smartphones are used by young people of popular communities in Santa Maria, Rio Grande do Sul and how this kind of device can help on their digital sociability. As a methodological approach was used, at first, a review on the digital poverty concept, a perspective on the different levels of access to information and communication technologies (ICT) and subsequently on the consumption as material culture, culture, then, it will be performed an analysis of data obtained on a survey about media consumption and internet access applied to high school students from Anita Garibaldi and four teenagers from Jardim Aurora community.

Keywords: Consumption. Young. Internet. Smartphones. Digital sociability.

* Recebido em: 06/04/2016.
Aprovado em: 14/06/2016.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Comunicador Social (UFSM) e especialista em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar (Unipampa). E-mail: romulotondo@gmail.com.

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente dos cursos de Comunicação e Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: sandraxrubia@gmail.com.

1 Introdução: comunicação, consumo e juventude

A comunicação pode ser compreendida como uma das principais ações sociais de compartilhamento de ideias. Mais complexo que o ato da fala ou da escrita, comunicar é compreender uma série de códigos que venham a desencadear-se em um processo social. Nessa perspectiva, podemos entender o consumo como um exercício de comunicação, um fenômeno social importante para a construção da vida em uma sociedade. Consumimos como forma de interação com o outro e ao mesmo tempo como forma de distinção. Neste artigo, construímos a ideia de consumo como um fenômeno complexo inerente à vida na sociedade, para, posteriormente, explorarmos a importância dos telefones celulares como dispositivos híbridos móveis de conexão multirredes (LE MOS, 2007), responsáveis pelo desenvolvimento e empoderamento de pessoas em situação descrita como pobreza digital.

O conceito de pobreza digital articulado neste texto está relacionado aos diferentes níveis, principalmente da desigualdade, no acesso das tecnologias da informação e comunicação, como também aos usos e as apropriações da tecnologia por pessoas de distintas classes sociais, bem como estes são capazes de utilizar os dispositivos tecnológicos para a construção e mediação do cotidiano.

Como recorte metodológico, adotamos a revisão de literatura e fragmentos do estudo etnográfico desenvolvido com jovens moradores de uma comunidade popular de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Para obtenção dos dados presentes neste artigo, foram utilizadas três técnicas: a aplicação do questionário com perguntas de múltipla escolha e abertas, a observação do cenário no qual os jovens se encontravam, por meio da observação participante, e a realização da entrevista semiestruturada em profundidade com quatro jovens moradores do Jardim Aurora³.

Na história, durante muito tempo, o jovem foi considerado uma espécie de criança grande. A juventude, enquanto categoria, foi percebida a partir do século XIX (ARIËS, 1981, p. 47). O rótulo dado a esses sujeitos era relativizado a partir de suas experiências enquanto sujeitos

em constantes transformações biopsicossociais, na qual muitos eram apresentados pelas mídias⁴ como rebeldes, insociáveis e com conflitos consigo e ou com a sociedade. Essas tipificações da juventude foram comumente apresentadas como forma “estar” adolescente, que aos poucos, se abandonou e foi transformado em um ideal de liberdade, desenvoltura, vida social intensa e, por meio de práticas e estratégias de consumo hedonista, vendidas, atualmente, como uma performance de “ser jovem” em qualquer idade. Nesse contexto, a juventude pode ser considerada um dos principais grupos consumidores no Brasil contemporâneo. Dessa forma, a juventude pode ser compreendida para além da categoria etária, e sim, como uma construção social decorrente das amarrações sociais de um determinado povo. Na perspectiva de Canclini (2015) o significado da juventude está atrelado ao “sentido intercultural do tempo”. Por esse ângulo, a juventude apresenta características para além de uma determinação etária, englobando as necessidades de uma sociedade em constante transformação.

A primeira parte deste artigo se destina à revisão de literatura. Apresentamos o conceito de pobreza digital, os níveis de acesso à internet no Brasil entre os anos de 2005 e 2011 e a importância do telefone celular como dispositivo de inclusão digital. Em seguida, um recorte do consumo e como os bens podem dar pistas de como se encontra a sociedade atual. Dentre as linhas de estudos de consumo, adotaremos a cultura material como enquadramento principal e a importância dos objetos. Nesse caso, os telefones celulares, na vida dos jovens. E, por fim, apresentamos o percurso metodológico, o uso da etnografia para obtenção dos dados da pesquisa, para demonstrar em seguida a relação entre os telefones celulares para um grupo de jovens, bem como esses *gadgets* estão vinculados em suas atividades cotidianas. Nessa perspectiva, analisamos os dados coletados em um questionário aplicado com os jovens na primeira etapa da pesquisa e investigamos três casos na qual são evidenciados os usos dos *smartphones* na construção e manutenção de laços sociais a partir do dispositivo de mensagem instantânea WhatsApp e do site de rede social Facebook.

³ Fonseca (2010) argumenta que o uso do anonimato deve ser estudado com cautela pelo investigador e seus interlocutores. Neste estudo, a opção pelo pseudônimos é utilizada para proteger a identidade dos jovens envolvidos no estudo.

⁴ Em 2015, o autor escreveu em parceria com a mestrand Camila Rodrigues Pereira o artigo “Meu Celular, Meu mundo” sobre o perfil do jovem consumidor com base na análise de reportagem publicada no jornal Zero Hora (Rio Grande do Sul) apresentado no Intercom Nacional 2015, no Rio de Janeiro.

2 Pobreza digital e acesso à internet no Brasil Contemporâneo

O termo pobreza digital está vinculado aos diferentes níveis, principalmente à desigualdade, ao acesso das tecnologias da informação e comunicação e aos diferentes níveis de utilização dos dispositivos tecnológicos pelas pessoas. Ao utilizar o termo pobreza digital, buscamos discutir a importância dos dispositivos tecnológicos para amenizar a disparidade nos níveis de acesso à informação e em relação ao desenvolvimento humano. É importante salientar que, para os jovens da comunidade do Jardim Aurora, é na escola onde, muitas vezes, ocorre o primeiro contato com o computador e ou acesso à internet. Com os altos valores para obtenção de computadores e sua manutenção, o telefone celular e a tecnologia 3G tornaram-se aliadas para o acesso à internet de muitos sujeitos, principalmente os jovens. Em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011⁵ apontou que o número de brasileiros com acesso à internet aumentou em 143,8% entre os anos de 2005 e 2011⁶. Em relação a essa população pesquisada em 2011, o acesso à internet é maior entre os jovens, sendo 74,1% entre os com idade entre 15 e 17 anos e de 71,8% entre os com 18 ou 19 anos, reforçando os índices já averiguados em anos anteriores.

Ainda sobre o acesso e usos da internet, a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM), desenvolvida pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, indica que a internet (13,1%) é a segunda mídia preferida pelos brasileiros, só perdendo para a televisão (76,4%). Se levarmos em consideração o uso das mídias pelos jovens, a pesquisa retrata o aumento da internet para 25% e a queda do índice da televisão para 70% (BRASIL, 2014, p. 7). Já a posse de telefone celular nos últimos anos, entre 2005 e 2011, chegou a 115,4 milhões, o que correspondia a 69,1 % da população.

Conforme dados da PNAD, o grupo etário com maior número de consumidores de telefonia celular continua sendo os jovens, sendo de 41,9%, na faixa de 10 a

14 anos de idade e atingindo um dos maiores números no final da juventude, com uma taxa de 83,1%. Apesar do alto índice de jovens com posse de telefones celulares, deve-se, também, observar o aumento no número da obtenção do dispositivo por parte dos adultos entre 55 a 59 anos que publicaram a posse dos telefones celulares, mas, principalmente, em relação aos considerados adultos na terceira idade (60 anos ou mais) que quase triplicaram a posse de telefones celulares. Dessa forma, podemos pensar em um amadurecimento de acesso aos telefones celulares em diferentes faixas etárias da população brasileira.

Pesquisas desenvolvidas pela DIRSI⁷ apontam o telefone celular como uma das tecnologias que permite o maior acesso à internet devido ao baixo custo na sua aquisição e manutenção⁸, levando em consideração o uso de computadores. Para os pesquisadores Hernán Galperin e Judith Mariscal (2007), a posse dos telefones celulares contribui como uma ferramenta de fortalecimento de laços sociais de seus usuários, bem como o impacto econômico da posse de um telefone celular na vida cotidiana de sujeitos de classe popular, principalmente no que tange ao fortalecimento das redes de confiança e em uma articulação e obtenção de trabalhos informais.

Em uma perspectiva brasileira desse fenômeno, podemos citar a pesquisa desenvolvida por Silva (2011), que, por meio de um estudo etnográfico, apresenta os impactos causados pelas apropriações dos telefones celulares por quarenta e uma mulheres em situação de vulnerabilidade social da cidade de Curitiba, capital paranaense. Nessa investigação, a pesquisadora levanta quatro aspectos recorrentes nas vidas das interlocutoras: a preocupação das mulheres com o valor da tarifa da telefonia móvel, a importância do telefone celular como instrumento que auxilia na manutenção dos laços familiares e no cuidado com os filhos, o dispositivo como mecanismo de auxílio na geração de renda e o acesso à internet para fins educativos. A pesquisadora busca acrescentar uma perspectiva da tecnologia como mediadora do bem-estar social.

Em Santa Maria, no Jardim Aurora, é possível per-

⁵ O estudo foi desenvolvido com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD realizada nos anos de 2005, 2008, 2009 e 2011;

⁶ A pesquisa leva em consideração pessoas com 10 anos ou mais de idade que acessaram a Internet no período de referência nos últimos três meses.

⁷ DIRSI é uma rede de profissionais e instituições especializadas em políticas de TIC e de pesquisa na América Latina. É possível ter acesso as pesquisas realizadas pela organização através do link: <<http://dirsi.net/web/>>.

⁸ No entanto, o custo para manutenção, principalmente o custo de ligações, na América Latina é considerada uma das mais caras do mundo. (GALPERIN; MARISCAL; BARRENTES, 2014. p. 16).

ceber os diferentes níveis e apropriações da tecnologia em distintas fases da vida. Os mais jovens, as crianças e adolescentes possuem maior familiaridade com as tecnologias; suas vivências estão permeadas pelas mídias, o que facilita o manuseio e a sociabilidade com tais dispositivos. Já os adultos, possuem uma maior destreza e experiência com as mídias mais antigas, como o rádio e a televisão. Apesar do uso do celular ser frequente entre os adultos, sua sociabilidade, muitas vezes, é comprometida com o medo que possuem em danificar qualquer objeto tecnológico e por consequente ter que arcar com o reparo da máquina. Nesse sentido, Rosália Winocur (2014) acredita que enquanto os jovens utilizam as tecnologias com uma maior naturalidade, por estarem imersos em uma cultura digital e experimentarem novas tecnologias com maior facilidade, os adultos tendem ter uma maior dificuldade no manuseio e na aquisição de uma tecnologia nova. Sendo assim, a pesquisadora acredita que os adultos tentam domesticar a tecnologia para incorporá-la em atividades cotidianas (WINOCUR, 2014, p. 19).

3 O consumo como fenômeno social

Nas últimas três décadas, a comunidade científica, em especial pesquisadores relacionados às Ciências Sociais, vem desenvolvendo diversas investigações para compreender o impacto do consumo na sociedade. No Brasil, de acordo com Livia Barbosa (2004, p. 58), as pesquisas resgatam uma visão do consumo e da sociedade do consumo na perspectiva adotada pela Escola de Frankfurt e dos pesquisadores Herbert Marcuse e Jean Baudrillard. Para Don Slater, o consumo está sempre vinculado a questões culturais, ou seja, a “cultura do consumo” é um aspecto importante nas culturas Ocidentais modernas. Nas palavras do autor:

[...] a cultura do consumo designa um acordo social onde a relação entre a cultura vivida e os recursos sociais, entre modos de vida significativos e os recursos materiais e simbólicos dos quais dependem, são mediados pelos mercados. A cultura do consumo define um sistema em que o consumo é dominado pelo consumo de mercadorias, e onde a reprodução cultural é geralmente compreendida como algo a ser realizado por meio do exercício do livre-arbítrio pessoal na esfera privada da vida cotidiana (SLATER, 2002, p. 17).

Sendo assim, a cultura do consumo não é unicamente uma prática Ocidental, por mais que seus hábitos tenham sido potencializados a partir do século XVIII,

com uma construção dos valores da sociedade ocidental moderna, ela é ponto inicial de uma construção sobre o estilo de vida. Nessa perspectiva, a reprodução cultural não é o único modo operante da cultura do consumo. Existem alguns tipos de bens que não podemos realizar a compra, tais como a amizade, o respeito e todos aqueles atrelados as construções imateriais.

Para compreender a importância dos telefones celulares para os jovens na sociedade atual, trabalharemos na concepção do consumo como cultura material, dessa forma, a visão adotada vai ao encontro do autor inglês Daniel Miller (2013). Para o pesquisador, o consumo está relacionado a uma perspectiva em que os bens são responsáveis pela construção das relações sociais através de trocas. Podemos, então, compreender o consumo como um fenômeno social, que está relacionado com as experiências das pessoas com seus pares e ou com objetos. A ausência dos objetos também pode dar vazão a um olhar sobre o consumo como cultura material; já que não é pelo fato da ausência de um determinado bem que não queremos consumi-lo (MILLER, 2013, p. 12). Na expectativa de compreender o consumo material, Miller busca, por meio de suas pesquisas, utilizando-se do método etnográfico⁹, o papel de determinados objetos em uma cultura. Sabemos que a cultura é uma construção norteadora das atribuições sociais e responsável por moldar diferentes esferas, seja: econômica, política e social, que permite que os sujeitos sejam sensíveis a uma determinada conduta diante do convívio coletivo.

Entre as pesquisas desenvolvidas pelo antropólogo social, está a importância da indumentária, focando no contexto indiano e londrino, ou sobre como os objetos nas casas são capazes de revelar sobre seus donos. Ou-

⁹ O método etnográfico possui caráter qualitativo e empírico que implica a imersão do pesquisador na cultura do pesquisado (que atribuímos o nome de interlocutores da pesquisa). Para um bom desenvolvimento etnográfico, o pesquisador terá que compreender questões teóricas e práticas que envolvem o ofício do etnógrafo, muito mais que uma pesquisa demonstrativa, a etnografia, busca através da vivência com determinado grupo, a relação entre o interlocutor e um determinado objeto, ou sua ausência, e a relação entre os interlocutores, formando, dessa forma, uma teia complexa. Para obter os dados etnográficos, os pesquisadores buscam realizar uma série de técnicas, entre elas, está a observação participante, a entrevista em profundidade e as anotações no caderno de campo. Cada uma dessas técnicas colaboram com a coleta dos dados, serão analisados e compreendidos de acordo com as relações sociais e culturais observadas pelo pesquisador durante seu trabalho de campo.

tra proposta desenvolvida pelo pesquisador, desta vez em parceria com a estudiosa Heather Horst, foi a importância dos telefones celulares na vida dos jamaicanos de baixa renda. A etnografia realizada pelos pesquisadores demonstrou que o telefone celular é um artefato tecnológico importante na manutenção de laços sociais e no fomento da construção de novas redes de auxílio. Para os autores, as operadoras locais¹⁰ desenvolvem um papel importante na construção e manutenção destes laços, na oferta de serviços que auxiliam os moradores, como o caso do *call me*¹¹ e do *link up*¹², estratégias utilizadas pelos jamaicanos na sociabilização com sujeitos que compunham sua rede social. A prática do “*link up*” pelos jamaicanos, uma ligação de 17 segundos, poderia ser comparada com uma ação muito frequente pelos jovens brasileiros no início dos anos 2000.

Outra observação feita pelos autores diz respeito às diferenças entre as apropriações dos telefones entre as mulheres e homens. Para as mulheres jamaicanas, o celular tinha função de fomentar os laços sociais, já que existe a tentativa de prevenção de não se estar só (culturalmente, as jamaicanas que são sós não são bem vistas pela sociedade), dessa forma, o celular serve como gestão da solidão e compartilhamento de problemas, fazendo com que o dispositivo seja percebido em dupla função para as

mulheres o de suprir demandas de comunicação e aconselhamentos. Já para os homens, ao celular era atribuída a função de resistir ao tédio e ao isolamento, da mesma forma que para a aquisição e manutenção de sistemas de apoio (amigos, colegas, vizinhos, familiares), além de receberem pelos celulares oportunidades de emprego e descobertas de diferentes informações.

4 O consumo de telefones celulares e a juventude

Os telefones celulares começaram a ser comercializados no Brasil no início dos anos de 1990. Desde então, o consumo de telefones celulares vem sofrendo inúmeras reconfigurações, não simplesmente pelo fato do desenvolvimento tecnológico empregado na melhoria dos aparelhos, mas pelos usos e apropriações dos dispositivos por diferentes idades. Se, no início de sua comercialização, os telefones celulares eram considerados um bem de luxo, na atualidade, o telefone celular pode ser considerado um objeto que auxilia na qualidade de vida e bem-estar social de seu consumidor.

Pesquisas desenvolvidas no âmbito internacional compreendem os telefones celulares em diferentes perspectivas, principalmente no que tange aos usos sociais destes dispositivos no cotidiano das pessoas. Rich Ling (2004) foi um dos primeiros pesquisadores a publicar sobre o impacto que os telefones celulares operam na vida cotidiana, mostrando que o dispositivo é que uma inovação técnica ou um modismo social. Em suas primeiras pesquisas, Ling (2004) averiguou que os telefones celulares eram utilizados pelos adolescentes como forma de manter contato com seus pares e os mais velhos investiam no dispositivo para à segurança e controle dos filhos.

Outro cenário descrito pelo pesquisador é a do telefone celular como responsável por mediar ações do cotidiano, tornando-se uma cultura contemporânea próspera, onde ao mesmo tempo em que é utilizada como forma de comunicação, pela conversa, mensagem de texto, envio de imagens, ele também pode ser visto como construtora da subjetividade. Dessa forma, os telefones celulares estão mudando as cenas urbanas e interferindo nas construções sociais, mostrando que esses dispositivos móveis estão presentes na vida cotidiana das pessoas independentemente da idade, grau de instrução, gênero e localização geográfica.

¹⁰ “O ponto é, sim, que essas empresas eram muito mais do que apenas as empresas de telefonia. Cada um tinha um lugar no discurso público como objetificações dos valores e preocupações da população em geral, através de personagens que as pessoas pensavam sobre o bem e o mal, justiça e opressão, o conservadorismo e modernidade.” (HORST; MILLER, 2006, p. 28). (Tradução do autor).

¹¹ Serviço prestado pela empresa Digicel, o “Call me” era uma mensagem de texto enviada para até 20 destinatários pelo preço de cinco centavos de dólar. Horst e Miller mencionam que este tipo de mensagem foi a mais utilizada entre os jamaicanos de baixa renda, e conforme dados da empresa de telefonia, os jamaicanos chegaram a usar um total de 21 milhões de SMS em um único mês (HORST; MILLER, 2005, p. 762). (Tradução do autor)

¹² A prática do link-up pelos jamaicanos de baixa renda está intimamente ligada ao número de contatos salvos em seus telefones celulares. Com uma extensa lista de contatos, estes sujeitos podem ampliar suas redes de sociabilidade. Para além do contato com seus familiares mais próximos, mas a adoção e criação de novas listas como de comunidades espirituais e religiosas, a procura de parceiros sexuais, e algumas estratégias adotadas por famílias de baixa renda na tentativa de auxílio financeiro. Além de apresentar um ponto de partida para a compreensão da rapidez com que os telefones celulares são incorporados na Jamaica, em especial entre a população de baixa renda.

Já Castells et al. (2007) buscam compreender o consumo dos telefones celulares em uma perspectiva global, trazendo um olhar desse fenômeno tecnológico em diferentes países, de forma a perceber como esses objetos influenciam na comunicação e mobilidade na vida cotidiana. Para esses pesquisadores, o telefone celular vem colaborar com a construção de uma identidade jovem, ampliando a autonomia deste em detrimento das gerações passadas. No entanto, Castells e demais pesquisadores (2007) apontam que, embora a tecnologia amplie a autonomia dos jovens, os usos dos telefones celulares e demais dispositivos tecnológicos não levam ao enfraquecimento das relações destes jovens com as instituições sociais tradicionais, em especial com a família, tendo em vista que muitos desses jovens ainda necessitam do apoio financeiro dos pais para manutenção de suas práticas sociais e também no controle dos pais para com os filhos (CASTELLS et al., 2007, p. 166).

O uso do telefone celular como forma de controle dos filhos também é explorado pela pesquisadora Rosalía Winocur no livro “Robinson Crusoe ya tiene celular”, em que apresenta o celular como uma conexão entre os membros de uma família durante as ações cotidianas. Dessa forma, a autora explora o telefone celular como peça fundamental para manutenção dos laços familiares mesmo com a distância. A operacionalização do uso do telefone celular neste caso serve para que os membros da família tenham certeza que todos seus componentes estão seguros e realizando suas atividades tranquilamente (WINOCUR, 2009, p. 22).

Em uma perspectiva brasileira, Everardo Rocha e Cláudia Pereira exploram o telefone celular como um *gadget*, um bem simbólico, responsável por amparar todas as expectativas da juventude contemporânea. Para os pesquisadores, tal aparato tecnológico é capaz de auxiliar nas práticas de sociabilidade e nos momentos de solidão, onde os jovens compartilham suas experiências e a necessidade de afirmação do seu próprio lugar no mundo. É sobretudo a partir dessas necessidades de afirmação e de múltiplas experiências praticadas pelos jovens que os autores acreditam que o telefone celular corrobora a própria existência e permanência da ambivalência e da fragmentação que caracterizam a juventude (ROCHA; PEREIRA, 2009, p. 97).

5 Alô, é do Jardim Aurora? A construção do percurso metodológico

Tradicionalmente desenvolvida no campo das Ciências Sociais, a pesquisa etnográfica tem como objetivo compreender um determinado fenômeno social a partir da observação participante, ou seja: o investigador vivencia experiências com os sujeitos da pesquisa para desenvolver um olhar apreciativo das interações socioculturais do grupo estudado, podendo, dessa forma, familiarizar-se com a perspectiva do nativo.

Essa construção está permeada pelo “olhar, o ouvir e o escrever” (OLIVEIRA, 2006) já que o exercício do pesquisador pode ser compreendido pelas ações desenvolvidas durante o processo de investigação. O “olhar” e o “ouvir” são apresentados pelo autor como atividades relacionadas à própria atividade de campo. É importante salientar, segundo Oliveira (2006), que a observação do ambiente e os diálogos com os sujeitos envolvidos na investigação são importantes para a construção de uma interpretação dos dados qualitativos, o que faz com que essas duas sejam atividades imbricadas, não desassociadas. Já a atividade de “escrever” é realizada após a atividade de campo, no âmbito de uma instituição, longe de todas as práticas vivenciadas e construídas na dinâmica do campo. Essa situação, de certa forma, favorece a análise e interpretação dos dados coletados durante a experiência de campo.

Para Clifford Geertz (2008, p. 4) a prática da etnografia consiste em “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Sendo assim, a pesquisa etnográfica abarca uma série de amarrações teórico-metodológicas que formalizam a construção da pesquisa. Geertz (2008), em seu livro “A interpretação das Culturas”, considera que a etnografia consiste em uma descrição densa da situação estudada e apresentada pelos seus interlocutores, algo que vai além do superficial, compreendendo a percepção das sutilezas observadas pelo investigador na prática da pesquisa. Essa percepção, por sua vez, está presente na descoberta e na compreensão das “teias de significado” apresentadas no cotidiano vivido e observado entre os seus interlocutores.

As coletas dos dados etnográficos deste artigo são provenientes da pesquisa de campo realizada durante o ano de 2014 e 2015 junto aos jovens moradores do Jardim

Aurora, comunidade popular fruto das apropriações das terras do governo na década de 1990. A experiência de campo foi desenvolvida em dois momentos: a aproximação com os jovens da escola Anita Garibaldi, entre março e dezembro de 2014, e a imersão de campo, entre janeiro e setembro de 2015, com a observação intensa de quatro jovens da comunidade do Jardim Aurora.

A aproximação dos jovens deu-se por meio de atividades pedagógica em educomunicação, interface entre a Comunicação e a Educação, para desenvolver uma leitura crítica da mídia, bem como pensar meios de socialização das produções locais realizadas pelos e com os educandos. A atividade foi pensada de forma multidisciplinar; na qual os educadores de Língua Portuguesa e Geografia pudessem trabalhar temas pertinentes à realidade dos jovens educandos e a comunidade. Em reunião com a direção da escola e com os professores, foi sugerido que a oficina fosse realizada com os jovens do ensino médio, já que os educandos teriam, nas palavras dos orientadores, uma “maturidade” e mais comprometimento que os demais alunos da escola. A execução das atividades ocorreram nos períodos de aula, duas horas aula, em horários em que os professores estavam desenvolvendo atividades com as turmas de ensino médio.

Após uma reunião com os professores e com a supervisora escolar, teve-se acesso às salas de aula. Foi a primeira¹³ vez que tivemos contato direto com os alunos da escola e, com isso, a oportunidade de aplicar o questionário para construir um panorama sobre o consumo midiático desses jovens e finalizar a proposta de oficina educucomunicativa. O questionário foi aplicado, no dia 21 de maio, de modo simultâneo, em ambas as turmas, sendo composto de perguntas de múltipla escolha e abertas, a partir do que foi possível perceber como era realizado o acesso aos meios de comunicação por esses jovens, bem como o perfil sociodemográfico deles.

A compilação dos dados qualitativos e quantitativos oriundos do questionário e a observação dos alunos em momentos de interação, nos deram subsídios para a construção de uma oficina educucomunicativa. Por

meio das informações obtidas com o questionário foi possível averiguar por meio da observação participante que os alunos possuíam uma maior acesso as mídias digitais, especialmente o celular, e conteúdos que circulavam na internet. A partir desses levantamentos, foi proposta uma desconstrução da mídia local em detrimento da construção da percepção dos jovens nativos sobre a comunidade local. Nessa perspectiva, foi desenvolvida uma oficina de fotografia, mostrando os pontos positivos e os que devem ser melhorados na comunidade a partir do olhar desses educandos sobre sua comunidade (TONDO; SILVA, 2015)

Figura 1 – Fotos produzidas durante a oficina de fotografia com os jovens do Jardim Aurora



Fonte: Diário de Campo virtual / Romulo Tondo

Em outra fase, após a finalização da parte de aproximação com os jovens da comunidade, deu-se início a atividade de imersão. No momento de transição, um dos educadores da escola sugeriu que fosse realizada uma investigação também com outros jovens da comunidade, podendo assim vivenciar outras experiências e acompanhar novos jovens na comunidade. Dessa forma, buscamos auxílio com o líder comunitário do Jardim Aurora. Sendo assim, usamos da técnica de bola de neve, em que um sujeito indica outro e, assim, consecutivamente. Laura, uma das principais interlocutoras, nos apresentou Icaro e o jovem apresentou as irmãs Anneliese e Érika. Nos três primeiros meses da pesquisa, mais cinco jovens foram acompanhados e entrevistados, porém a proposta de acompanhar os jovens em seu cotidiano só foi possível com os quatro jovens já mencionados. O principal empecilho foi a falta de tempo dos jovens. Alguns deles eram estudantes em tempo integral, outros trabalhavam, o que

¹³ Até então a observação dos alunos e o consumo de telefones celulares ocorria em horários de intervalo. Onde foi possível observar a sociabilidade dos mesmos através da troca mensagens, acesso as redes sociais e a utilização da máquina fotográfica para a realização de *selfies*.

dificultava as atividades de pesquisa, uma vez que o tempo que os restava era compartilhado entre os familiares e as atividades de estudo e de lazer.

6 Notas etnográficas: os usos e as apropriações de smartphones entre jovens da comunidade do Jardim Aurora

A partir da mensuração e análise do questionário sobre o consumo de mídia foi possível observar o alto índice da posse do telefone celular – *smartphone*: entre 43 jovens acompanhados. Entre os educandos 58% eram do sexo biológico feminino e 42% do sexo biológico masculino. A idade dos participantes varia entre 15 anos e 18 anos de idade. Dentre os alunos apenas um não possuía o telefone celular, por escolha própria, já que o mesmo “não gostaria de ser encontrado pelos pais”. Os telefones adquiridos por esses jovens são smartphones de entrada, baixo custo de aquisição, e com baixa capacidade de armazenamento de dados. Em alguns casos descritos pelos jovens, existe a necessidade de desinstalar um aplicativo para instalar outro ou apagar algumas imagens para que possam ser feitas novas imagens e armazenadas no dispositivo. Uma das estratégias adotadas pelos jovens para não perder a imagem é compartilhar “as melhores” no perfil do Facebook.

Por meio da análise dos dados, pudemos ter uma noção da estrutura familiar desses jovens, sendo que todos moravam com sua família nuclear. A figura das avós era constante na vida desses jovens. Muitos moravam próximos à casa das avós e dois dos jovens dividiam a residência com seus predecessores e família nuclear. Outro fato possível de ser identificado com a pesquisa quantitativa é que o número de famílias que tinham a figura materna chefe de família – ou de único responsável pela manutenção da residência – correspondia a 38%, enquanto que 42% dos lares tinham como chefe de família a figura paterna, e 20% contavam com auxílio das avós aposentadas e familiares mais próximos.

Sobre o consumo de mídia, grande parte dos alunos possuía acesso a todos os meios de comunicação (jornal, rádio, televisão e internet), fosse em sua casa, na casa de vizinhos, na escola e nos projetos sociais desenvolvidos na comunidade. Os veículos impressos, por terem um custo elevado, segundo os jovens, não era consumido todos os dias. Geralmente, os jovens tinham acesso a esses veículos na escola e buscavam informações quando um professor pedia o jornal como fonte de pesquisa.

Quando o questionamento refere-se à identificação com alguma mídia, a internet encontra-se, em primeiro lugar, com 67%. Já a televisão vem em segundo lugar, com 23%, e o rádio em terceiro, 10%. Para esses jovens, o jornal não é atrativo em virtude de o suporte ser impresso, além de apresentar, muitas vezes, informações que já foram amplamente divulgadas por outros meios de comunicação. Nas palavras desses jovens, o “jornal que chega em casa traz notícias velhas”.

No que diz respeito à televisão, os jovens a utilizam para assistir a filmes e a telenovelas. Em alguns casos, o consumo das telenovelas é permeado por interações em redes sociais, sendo a própria telenovela deixada em segundo plano. O telejornal foi pouco citado pelos jovens, já que o consumo de notícias por eles se dá por sites de rede social e pela busca específica em sites de entretenimento, especialmente relacionados ao universo da música e dos filmes. Com relação ao rádio, notou-se que o seu consumo é frequente, mas não ocorre por meio do aparelho de rádio, como se pode perceber no relato de uma das jovens do segundo ano: “escuto muita música no telefone; conecto o fone no celular e não me preocupo se estou atrapalhando alguém. Geralmente, escuto as músicas da rádio daqui, mas também baixo da internet”.

Com relação ao acesso à internet, boa parte dos jovens possui acesso no ambiente familiar. No entanto, o principal tipo de conexão adotada por estes jovens é a internet móvel - 3G, seguindo do acesso pela banda larga, através da rede Wifi. Nesse grupo, existem jovens que possuem o acesso à internet por meio dos dois tipos de conexão: móvel (3G) e de alta performance (banda larga). Essas construções de uso de conexão móvel favorecem a sociabilidade desses jovens em diferentes ambientes, não somente no uso restrito da banda larga dentro de suas residências. As funções dadas ao acesso à internet podem variar de acordo com cada sujeito e o local de acesso. Para esses jovens o celular pode ser utilizado como forma de entretenimento e em casos de dúvidas em contexto escolar o telefone também é usado para pesquisa.

Nessa perspectiva, é possível pensar em uma evolução das pesquisas sobre acesso de tecnologia por em comunidades populares. No estudo de Barros (2012), o principal acesso à rede mundial de computadores se dava pela sociabilidade de jovens em pontos comerciais, as *lan houses*, e pontos de acesso livre subsidiados por organizações não governamentais. Já Silva (2010) relata que o acesso à internet pelos moradores do São Jorge era pre-

cária: segundo seus interlocutores, o custo para manter a internet era cara, já que deveriam desembolsar não somente o custo com a internet, mas com os aparelhos que realizavam a conexão. Outro aspecto apresentado pela autora era o alto custo da internet móvel através da conexão WAP. “Obviamente, também é possível usar a Internet no celular (WAP) e de fato a maioria dos celulares no São Jorge oferece essa facilidade, mas o alto custo inibe o uso” (SILVA, 2010, p. 207).

Com o desenvolver da pesquisa de campo, foi possível observar que não havia pontos de acesso comerciais ao redor da escola. Alguns indícios que marcam a mudança desse cenário, é do custo da aquisição da conexão banda larga por parte dos consumidores, bem como a compra de um telefone celular com conexão 3G. Para os jovens da escola Anita Garibaldi, ainda é dada a oportunidade da utilização do laboratório de informática para ter acesso à internet e para a realização de pesquisas escolares, além do acesso livre a Wifi para a conexão móvel de telefones celulares e tablets.

Já o consumo da internet para uso das redes sociais é extremamente disseminado entre os jovens. Todos os alunos possuem um perfil no site de rede social Facebook¹⁴, e alguns estudantes também possuíam conta no microblog Twitter¹⁵, além de compartilhamento de imagens e vídeos, Instagram¹⁶. Na escola, a rede social Facebook é utilizada pelos professores e alunos como meio de interação em momentos distintos, especialmente o uso de um grupo composto pelos jovens, professores e comunidade escolar, com a principal finalidade de comunicação e notificação de atividades dentro da escola.

Segundo dados obtidos pela pesquisa nacional de hábitos de consumo de mídia¹⁷, o brasileiro se utiliza da

internet para realizar inúmeras tarefas do seu cotidiano. Cada grupo etário realiza funções distintas; no entanto, os usos de sites de rede social vêm atraindo uma parcela significativa de pessoas de diferentes faixas etárias. O fluxo de consumo e o tempo de exposição dessas pessoas variam na medida dos usos e das apropriações que elas fazem do site. Para os adolescentes, um dos grandes atrativos também são os jogos em redes presentes nos sites de rede social.

Além do uso da internet para o acesso às redes sociais, estes jovens utilizam-se da internet para o download de músicas, filmes e seriados; desses 67% dizem realizar tais atividades com frequência. Alguns buscam acesso ao mesmo conteúdo por meio da rede de amigos, ou seja, esperam que os amigos realizem o download e compartilhem principalmente os filmes. Sobre os usos do telefone celular, apesar de terem acesso à rede e utilizarem para compartilharem seu cotidiano nas redes sociais, os estudantes também se utilizam de recursos como calculadora, câmera fotográfica e aplicativos que venham a suprir necessidades de comunicação. O WhatsApp¹⁸ é um dos principais aplicativos apropriado pelos jovens do Jardim, a partir do aplicativo compartilham fotos, conversas por áudio e memes¹⁹.

Nesse contexto de consumo e apropriação do telefone celular pelos jovens do Jardim Aurora, apresentamos os usos e as apropriações do site de rede social Facebook e do comunicador instantâneo *Whatsapp* na perspectiva dos quatro jovens e uma mãe. Estes jovens foram acompanhados durante os meses de janeiro e setembro de 2015, no período de férias escolares, diariamente e posteriormente, nos finais de semana.

Laura (21 anos), Ícaro (17 anos), Anneliese e Érika (15 anos) são moradores do Jardim Aurora desde a infância. Possuem *smartphones* e realizam inúmeras atividades com o artefato midiático. No entanto, para as irmãs Anneliese e Érika, existem restrições do uso devido à pouca idade. Essas diretrizes dos usos e apropriações do dispo-

¹⁴ Site de rede social criado em 2004, atualmente é maior site do gênero na internet. <www.facebook.com>.

¹⁵ No estilo microblog, os usuários realizam publicações com no máximo 140 caracteres, número este inferior ao de caracteres suportados em uma mensagem de texto. <www.twitter.com>.

¹⁶ Esta rede social é atualizada somente por aplicativo, em que o usuário pode publicar e editar imagens e vídeos. <www.instagram.com>.

¹⁷ A Pesquisa Brasileira de Mídia é executada anualmente desde de 2014 pela Secretaria de Comunicação Social (Secom) e tem como objetivo compreender os hábitos de consumo da população brasileira referente aos principais suportes de comunicação midiáticos. As edições podem ser encontrados no site da secretaria através do site <http://www.secom.gov.br/>.

¹⁸ Whatsapp é um aplicativo de comunicação instantânea que permite trocar mensagens multiplataforma pelo celular. É necessário que o usuário crie uma conta através do seu número de telefone celular. Atualmente o aplicativo também pode ser acesso pelo site na web.

¹⁹ Meme é um termo grego que significa imitação. Na internet, o meme é a construção de imagens, vídeos, tags que viralizam no ambiente digital, na maioria das vezes os memes referem-se a sátiras de situações cotidianas.

sitivo são dadas pela mãe, Val. Já Laura e Ícaro utilizam de sites de redes sociais e o comunicador instantâneo como principais formas de comunicar aos seus amigos e conhecidos o que está acontecendo em suas vidas.

Laura não concluiu o ensino médio devido à gravidez de Davi, seu filho de um ano. A jovem sonha em cursar a faculdade de medicina e dar um futuro melhor para seu filho. Seu primeiro telefone celular foi dado por seus pais aos 12 anos de idade. Com os avanços da tecnologia e com a compra de seu *smartphone*, Laura usa o aplicativo “Whats” para conversar com seus amigos e, também, para manter contato constante com seu namorado Júlio, que mora em outro bairro da cidade. Apesar de ser um namoro recente, Laura chegou a comprar um chip para testar a fidelidade de seu namorado.

Comprei um chip novo para ver realmente se ele era fiel. Instalei o whats no *tablet* que o pai do Davi deu para ele e chamei ele [o atual namorado] para conversar. Disse que havia adicionado ele no mês de fevereiro [mês em que os dois começaram a relação], mas estava com vergonha de chamar ele para sair e conversar. Ele [Thomaz] disse que não se lembrava de mim e falou que agora não podia sair comigo, já que estava namorando. Depois disso, fiquei contente, pois ele é meu namorado e fiel. Não quero saber dele conversando e dando bola para outras gurias. Peguei e apaguei a conversa e desinstalei o whats do *tablet* do Davi para que ele não pegasse a conversa (Laura, 21 anos)²⁰.

Além de usar o *smartphone* como forma de testar a fidelidade do namorado, Laura utiliza-se do dispositivo como um recurso de entretenimento para si e para o filho. A jovem diz que a primeira coisa ao acordar ao som do despertador do celular é colocar uma música animada, entrar nas redes sociais e visualizar se existem mensagens em algum dos comunicadores instantâneos. No entanto, diz que o celular é uma “mão na roda” quando tem que cuidar do Davi e ele está agitado. Utiliza-se de vídeos disponíveis no site YouTube e outros aplicativos educativos para entreter a criança.

Figura 2 - Laura utiliza-se do telefone celular como forma de comunicação com outros jovens e entretenimento ao escutar músicas ou assistir vídeos com o filho.



Fonte: Diário de campo virtual do Romulo Tondo

Sempre coloco música logo de manhã cedo para escutar. Geralmente, já acordo com o telefone celular do meu lado. Tomo banho e escuto música, escovo os dentes e escuto música... é bem assim, pela manhã sempre estou escutando música e fazendo algo. Quando o Davi não está parando quieto, está birrento, pego o celular e mostro para ele, parece que ele é treinado, já dá risada. Parece que vou tirar foto. Daí, coloco ele sentado e dou o celular para ele ou coloco em algum vídeo da galinha pintadinha no YouTube. Já não aguento mais essa músicas da galinha pintadinha, sei todas de cor! Agora também baixei um app que ele já sabe tocar e escutar as musiquinhas. Já deixo na tela principal para ele logo que pegar o celular já ver, né. [E qual aplicativo é esse?] Descobri pela TV e baixei, um do Jacarelvís, que fica cantando música. Bem divertido e faz com que ele fique quieto e prestando atenção. (Laura, 21 anos)²¹

Laura foi a responsável por me apresentar Icaro, seu melhor amigo. O jovem de dezessete anos frequenta o primeiro ano do ensino médio no centro da cidade. Segundo relato de Icaro, “apesar da distância entre o Jardim Aurora e o centro da cidade, a última parada do ônibus é em frente ao colégio, o que facilita na hora de pegar o busão para voltar para casa”. Icaro é fã de música, entre seus hobbies está cantar na igreja e acessar a internet. O jovem relata ainda que durante o trajeto para o colégio ouve música e utiliza o WhatsApp para conversar com os amigos. No aplicativo já foi ad-

²⁰ Entrevista concedida a Romulo Tondo.

²¹ Entrevista concedida a Romulo Tondo.

ministrador de diferentes grupos privados, entre eles da cantora Lady Gaga.

Uso meu whats para conversar com meus amigos. Já fui administrador de um grupo da Lady Gaga, sabe quem é? [Sim, sei quem é] Fui administrador de um grupo e conheci um monte de *little monsters* [maneira com que a cantora se refere aos fãs]. Sempre é bom conhecer gente que gosta das mesmas coisas que a gente, né. Conversamos bastante pelo whats e ainda consigo baixar algumas fotos dela. Ainda bem que tenho internet em casa, conecto aqui e tenho tudo acesso a tudo que quero na palma da minha mão. Me sinto mais próximo dela [Lady Gaga] e de pessoas que gostam das músicas dela. Como não conheço muitas pessoas daqui da cidade que gostam dela, conheço pessoas de outros lugares que gostam dela como pessoa, como artista e cantora. E tudo isso eu consigo através de indicações desses amigos que ficam conversando no whatsapp (Icaro, 17 anos)²²

Apesar de o aplicativo Whastapp estar presente no cotidiano de Laura e Ícaro, a realidade é diferente no cotidiano das irmãs gêmeas Anneliese e Érika, 15 anos, que não possuem o aplicativo como uma maneira de segurança segundo Val, mãe das jovens. Val não é adepta às tecnologias digitais, não sabe utilizar o computador e possui dificuldade em manusear os recursos do celular, e acredita que as meninas ainda são novas para ter um aplicativo como o comunicador instantâneo. A postura tomada pela mãe com relação aos usos das tecnologias comunicacionais é fruto dos relatos das jovens da própria comunidade, com relação ao “uso do celular para pegação”.

Elas são bem novas. Compramos para elas os telefones agora quando elas fizeram 15 anos. Tenho medo, não sei o que o acontece no aplicativo e elas são novas. Não sei mexer nessas tecnologias. Elas não tem Whats, nem sei o que é o aplicativo direito. Elas só tem Face [Facebook] e mesmo assim o pai delas fica de olho. Aqui na comunidade tem muitas meninas que usam esses whats e ficam compartilhando imagens e outras informações, acho que elas não possuem idade ainda para usar esse aplicativo. (Val, 35 anos)²³.

No entanto, Val consente o uso do site de rede social Facebook pelas filhas. Anneliese e Érika compreendem o posicionamento da mãe diante de “muitos boatos” que ocorrem na comunidade de meninas de pouca idade que são “seduzidas” por outros jovens.

Ganhamos o telefone celular faz pouco tempo e não queremos perder essa liberdade nos dada.

Então estamos no Facebook e conversamos com nossos amigos por lá. É bem bom, porque podemos curtir, comentar as fotos de nossas amigas. Antes sem o telefone celular dividíamos um PC e a agora cada uma tem um celular e pode fazer tudo ao mesmo tempo. Se a Anneliese está conversando com alguém não preciso esperar ela terminar de conversar para eu usar. Ainda bem que temos um aparelho que nos permite estar conectadas ao mesmo tempo. Ele é do próprio PC, o antigo não tinha isso, porém ele queimou e tivemos que comprar um novo e veio com esse aparelho (wifi) (Érika, 15 anos).²⁴

Ainda acho que minha mãe tem razão (sobre não ter whatsapp). Muitas vezes ficamos sabendo de gurias daqui do bairro que começam a conversar com os guris e eles pensam que ela está dando mole. Na real, esses guris pensam cada coisa das gurias da comunidade. Então também tentamos compreender a mãe. (Anneliese, 15 anos).²⁵

Com as regras impostas pelos pais ao usarem o telefone celular, Anneliese e Érika prezam pela liberdade conquistada por ambas no dia a dia e revelam um lado empático com relação à proteção dada pelos pais diante das situações ocorridas com meninas moradoras do bairro. No entanto, acreditam já ter maturidade suficiente para lidar com qualquer situação que venha a ocorrer com a utilização do whatsapp.

7 Considerações Finais

Diante das transformações que a comunicação vem sofrendo, principalmente nas últimas décadas, tornou-se importante compreender como o consumo das tecnologias impactam a sociedade. Uma forma de compreender esse impacto é investigar como os sujeitos estão utilizando-se destas tecnologias, em especial os telefones celulares e a internet impacta no cotidiano destes sujeitos.

No decorrer deste artigo, abordamos a importância da compreensão do consumo dos telefones celulares e o acesso à internet pelos jovens do Jardim Aurora, comunidade popular na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Nessa perspectiva, o celular tornou-se o principal meio pelo qual esses jovens possuem acesso à internet, devido ao seu baixo custo de aquisição e manutenção, tendo em vista o custo de aquisição de um computador e a utilização de uma conexão banda larga. Sendo assim, a posse do telefone celular, em especial a aquisição de um *smartphone* por

²² Entrevista concedida a Romulo Tondo.

²³ Entrevista concedida a Romulo Tondo.

²⁴ Entrevista concedida a Romulo Tondo.

²⁵ Entrevista concedida a Romulo Tondo.

parte considerável desses jovens, supre uma das principais necessidades destes sujeitos, a de conexão com a internet e socialização entre amigos e conhecidos.

Tais jovens buscam na conectividade maneiras de demonstrar suas experiências e aproximar de outras pessoas, muitas vezes moradores de outros bairros e cidades, e que possam possibilitar-lhes novas experiências. Nesse contexto, de observação participante, foi possível averiguar que os jovens dessa pesquisa querem estar incluídos socialmente diante da posse de um dispositivo móvel, e não ser diferente daqueles que os cercam. A posse de um telefone celular mais caro que os demais, nesse contexto, seria uma forma de distinção, o que acarretaria em um afastamento do grupo.

Com a posse de *smartphone*, tais jovens conseguem ampliar suas redes sociais, online e offline, permitindo que os usos e apropriações do telefone celular estejam para além da conexão com a internet, mas a utilização de uma série de recursos provenientes na máquina ou até mesmo incorporadas pelos jovens. A destreza do manuseio permite também compreender que tais jovens se encontram em uma situação descrita como “riqueza digital”, decorrente de um envolvimento com a tecnologia que lhes permite muito mais que o manuseio, mas também a produção e construção de dados que venham interferir no seu cotidiano e que, por ventura, venha ser compartilhado com suas redes.

Já na perspectiva da conexão, os jovens são os principais consumidores de acesso à internet dentro de suas famílias, tanto para atividades escolares quanto para entretenimento. Entre os jovens desta pesquisa, a posse de um perfil na rede social Facebook atinge sua totalidade, mesmo aqueles que não possuem acesso ao telefone, à internet, possuem um perfil na rede social. Nessa circunstância, o site de rede social Facebook opera como uma realidade pública, em que os jovens expressam em suas linhas de tempo (*timeline*) suas construções cotidianas e interação de forma explícita com seus pares por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos de conteúdos elaborados, muitas vezes, por eles ou por terceiros. Já o comunicador instantâneo WhatsApp pode ser compreendido através dos usos do privado. Os usuários devem ter acesso ao número do telefone celular do jovem para ter acesso à esta conexão.

Existe, também, a utilização dos telefones no âmbito “off-line” sem uso da conexão com a internet, na qual os jovens utilizam o telefone celular como forma de dimi-

nuir o “tédio”. Essas estratégias podem elencar uma série de atividades que favorece a sociabilidade em grupo ou de forma individual, entre as principais práticas relatadas está o uso do telefone celular para escutar música no caminho para escola, tirar fotografia com amigos e jogar em aplicativos que não consomem a internet.

Outra lógica que pode ser percebida é a construção de “novos espaços” privados dentro do dispositivo, como a utilização dos grupos no comunicador instantâneo. Nesta circunstância, somente o administrador é capaz de adicionar novas pessoas ao grupo, diferente da rede social Facebook onde o usuário pode encontrar um grupo e pedir a solicitação para ingressar. Essa experiência de compartilhamento de informações e construção de sua identidade em redes social em âmbito digital faz com que os jovens construam e intensifiquem suas redes de contato na mesma medida que fortalecem as redes já existentes no âmbito do offline.

Levando-se em consideração os dados etnográficos obtidos na comunidade do Jardim Aurora, foi possível averiguar que entre os jovens do Jardim Aurora o *smartphone* se tornou um objeto capaz de auxiliar na construção das relações, suscetível a diferentes apropriações e interpretações decorrentes de seus usos diários. Nessa perspectiva, fica possível ponderar através da construção do aporte teórico que os celulares são capazes potencializar as experiências de vida pela mediação das conexões, responsáveis por construir uma manutenção dos laços sociais com os sujeitos (HORST; MILLER, 2006). Contudo, se fez necessário pontuar que o consumo tecnológico dos jovens não é unicamente o *smartphone*. Essa leitura tecnológica por parte dos jovens é precíval de tecnologias, que acabam sendo, por muitas vezes, o segundo ou até mesmo o terceiro objeto tecnológico usado pelo sujeito ao mesmo tempo. No que tange aos usos e apropriações do dispositivo com as demais mídias, o telefone serve como principal ponto de acesso às redes sociais, bem como a utilização de múltiplas ferramentas disponíveis no dispositivo, que potencializam a socialização de ideias em tempo real.

Sendo assim, pensar o consumo de *smartphones* e da internet por esses jovens, em uma perspectiva etnográfica, é fazer um exercício da construção de uma realidade material em constante transformação na sociedade moderno-contemporânea. É estranhar o que para muitos jovens, das distintas classes sociais, tem se tornado cotidiano: a posse de um objeto que os conecta aos seus amigos e ao mundo.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, Livia. *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.
- BARROS, Carla. Sociabilidade juvenil, classificações e “gostos” culturais: um estudo no universo de games e rede sociais em lan house populares. In: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia; SOUZA, Angela Maria. (Org.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 115-130.
- BRASIL. *Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 03 fev. 2015.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014.
- CANCLINI, Néstor García. Ser diferente é desconectar-se? Sobre culturas juvenis. In: _____. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. p. 209-224.
- CASTELLS, Manuel et al. *Mobile communication and society: a global perspective*. Cambridge: MIT Press, 2007.
- GALPERIN, Hermán; MARISCAL, Judith; BARRENTES, Roxana. *The internet and poverty: opening the black box*. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2014.
- GALPERIN, Hernán; MARISCAL, Judith. *Pobreza y telefonía móvil en América Latina y el Caribe*. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HORST, Heather; MILLER, Daniel. *The cell phone: an anthropology of communication*. Oxford: Berg, 2006.
- HORST, Heather; MILLER, Daniel. From kinship to link-up: cell phones and social networking in Jamaica. *Curr Anthropol*, Chicago, v. 46, n. 5, p. 755-778, 2005.
- LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 23-40, 2007.
- LING, Rich. *The mobile connection: the cell phone's impact on society*. New York: Morgan Kaufman, 2004.
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo; São Paulo: Unesp, 2006. p. 17-36.
- PEREIRA, Camila; TONDO, Romulo. “Meu celular, meu mundo”: notas sobre consumo e juventude nas páginas de Zero Hora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2015.
- RIO GRANDE DO SUL. *Lei n. 12.884, de 03 de janeiro de 2008*. Dispõe sobre a utilização de aparelhos de telefonia celular nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.884.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2015.
- ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. *Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- SILVA, Sandra Rubia. *Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular*. 2010. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SILVA, Sandra Rubia. *Telefonia móvel e questões de gênero: aspectos socioculturais da apropriação de telefones celulares entre mulheres em situação de vulnerabilidade social*. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2011.
- SLATER, Don. *Cultura do consumo e modernidade*. São Paulo: Nobel, 2002.
- TELEFONIA CELULAR. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/celular.asp>>. Acesso em: 10 maio 2015.
- TONDO, Romulo. *Celulares, conexões e afetos: a sociabilidade e o consumo de smartphones entre jovens de*

comunidade popular. 2016. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

TONDO, Romulo; SILVA, Sandra Rubia. Celular, imagem e emoção: o consumo e a apropriação dos telefones celulares na construção do olhar dos jovens sobre sua comunidade. In: YACCOUB, Hilaine (Org.). *Consumo popular: contribuições da antropologia e sociologia*. Rio de Janeiro: Mundo do Marketing, 2015. p. 181 -200.

WINOCUR, Rosalía. Conflitos e diferenças geracionais no uso das tecnologias digitais. *Desidades*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 18-24, mar. 2014.

WINOCUR, Rosalía. *Robinson Crusoe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre*. México: Siglo XXI, 2009.

Agradecimentos

À CAPES, pela bolsa auxílio no mestrado Comunicação. Ao CNPq por subsidiar a pesquisa contemplada no processo 405664/2012-5 Edital: Chamada MCTI /CNPq /MEC/CAPES Nº 18/2012 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Aos jovens da pesquisa por compartilharem suas vivências conosco e aos demais integrantes do grupo de pesquisa “Consumo e Culturas Digitais”.